

Trabalho final – Literatura Latina: Retórica e Oratória – Prof. Dr. Adriano Scatolin

Rafael Rodrigues Oliveira – N° USP: 8976786 – Período: Noturno



Durante o curso foram vistos o *De Oratore*, a *Defesa de Milão*, a *Defesa de Murena* e o *Discurso sobre Marcelo*; todos de autoria de Cícero. Cada um dos discursos integra um contexto oratório diferente. O *De Oratore* se encaixaria em contexto pedagógico. Tendo por destinatário o irmão de Cícero, trata-se de um diálogo sobre oratória, em que se delineiam os atributos do orador ideal. A *Defesa de Milão* faz parte do contexto de tribunal, em um ambiente hostil, cercado por populares e soldados de Pompeu, Cícero defende Milão, acusado de assassinar o rival político Públio Clódio Pulcro. A *Defesa de Murena* também faz parte do contexto de tribunal. Durante a conspiração de Catilina, Cícero defende o cônsul eleito (Murena) contra as acusações de corrupção de Sulpício e Catão. Por fim, o *Discurso sobre Marcelo* é proferido no Senado, após o fim da guerra civil entre César e Pompeu. Trata-se de um agradecimento e de uma exortação política de César, por meio da qual Cícero pretende obter a clemência do imperador. Analisemos cada um destes contextos oratórios com mais vagar.

De oratore, composto no ano 55 a.C., é um diálogo, situado em 91 a.C., entre grandes oradores, que Cícero conheceu e admirou, sobre oratória. Os personagens são Crasso, Antônio e Múcio Cévola, sendo que os dois primeiros ocupam a maior parte do diálogo. No primeiro livro, eles discutem a definição da retórica e as qualidades de que necessita o orador. Aparece algo como uma postura idealista de Crasso, que argumenta que o orador deve possuir competência em leis, história, política, ciências naturais e filosofia, pois todos estes assuntos interessam à retórica e a dificuldade dessa arte seria justamente manejar com habilidade uma diversidade tão grande de matérias. Antônio tem um argumento mais pragmático, sustentando que não é necessário ao orador um conhecimento especializado nessas diversas matérias, sendo uma grande experiência de vida suficiente para que o orador adquira o conhecimento suficiente destas matérias. A questão fundamental está em saber se a retórica é uma técnica sem conteúdo, que como ser aprendida como uma coleção de receitas, ou uma arte, que necessita de sabedoria e conhecimento.

O livro dois do *De Oratore*, cujo principal personagem é Antônio, trata da *inventio* (invenção, descobrimento dos argumentos), *dispositio* (disposição/arranjo do discurso), *elocutio* (elocução), *actio* (atuação) e *memoria* (memória). Há também a divisão dos gêneros das causas em judicial, aquilo que diz respeito ao tribunal (a acusação e a defesa) em que o ouvinte é o juiz ou jurado; deliberativo, aquilo que diz respeito ao aconselhamento ou desaconselhamento, gênero presente, por exemplo, no Senado e que se refere ao que vai acontecer no futuro; demonstrativo, que diz respeito ao louvor ou vitupério, ao belo ou feio. Vale ressaltar que os gêneros não são estanques, sendo comum a sua mistura em um mesmo discurso. Com essas características e tendo como destinatário e irmão de Cícero, o *De Oratore* se insere em um contexto pedagógico, no sentido em que apresenta as qualidades necessárias à boa oratória.

A *Defesa de Milão* pertence ao contexto oratório dos tribunais, nela Cícero começa fazendo uma quádrupla apresentação. Apresenta a si mesmo como receoso diante do ambiente efervescente, com soldados e populares. Apresenta Milão como corajoso. A Pompeu ele guarda os adjetivos sábio e justo. Por fim, ele apresenta o público como estando inteiramente a favor de Milão. Uma das estratégias utilizadas por Cícero nesse discurso é o elogio condicionado. Ele fala que os soldados o deixam receoso, mas que Pompeu é justo (elogio), portanto, os soldados não vão ameaçá-lo, nem a seu cliente. Ou seja, para que Pompeu “cumpra o requisito” do elogio, ele tem que agir do modo como Cícero quer: controlando seus soldados.

Como dissemos, a *Defesa de Murena* faz parte de um contexto oratório semelhante. Trata-se de uma argumentação em tribunal em defesa de Murena, que venceu a eleição para cônsul (derrotando Catilina e Sulpício Rufo), mas corre o risco de não assumir o cargo devido a acusações de corrupção. Essas acusações são feitas por Sulpício, um homem de enorme dignidade como jurisconsulto, e Catão, um estoico conhecido pela rigidez moral. Para complicar a situação de Cícero, Sulpício é seu amigo e Catão é seu aliado político. O dilema que Cícero enfrenta é atacar esses adversários sem destruí-los. Deste modo, está excluído o vitupério puro e simples. No seu lugar entra a ironia, usada para atacar sem que o ataque se mostre como ataque.

Cícero não ataca pessoalmente os acusadores, mas, com humor, ironiza suas convicções, insinuando que a confiança excessiva nessas convicções que levou dois homens elevados às acusações contra Murena. Cícero ironiza a ciência jurídica,

professada por Sulpício, insinuando alguma mesquinhez na sua excessiva atenção ao pormenor, ao mínimo detalhe e às formalidades. Depois, ele ironiza o estoicismo como uma doutrina tão estrita que levaria à intransigência. Cícero se vale do humor como estratégia retórica para convencimento dos jurados, provocando neles o riso às custas das crenças professadas por Sulpício e Catão.

No embate sobre a dignidade de Murena, Cícero salienta que Murena possui os mesmos ornamentos que Sulpício para o consulado. Murena, apesar de ser patrício, tem boa linhagem, uma vez que vem de uma família na qual o avô e o pai foram militares consagrados. Para Cícero, a nobreza de Sulpício só é conhecida por literatos e especialistas em leis, enquanto a nobreza de Murena é conhecida do povo. Cícero atenua o ataque se colocando a si mesmo na mesma situação de Sulpício, como alguém que faz a vida nas “mesquinhas” do fórum. No final, ele conclui que a honra militar de Murena constitui, na verdade, melhores atributos para o consulado do que a “honra” civil. Enquanto Sulpício (e Cícero, que se coloca no mesmo barco) cuidariam de questões civis, Murena estaria às voltas com grandes questões militares.

Em contexto oratório distinto é proferido o *Discurso sobre Marcelo*. Trata-se de um agradecimento proferido no Senado, perante César e os senadores, por ocasião do perdão concedido pelo primeiro a um arqui-inimigo: Marcelo, que havia sido cônsul com Sêrvio Sulpício Rufo e havia ficado do lado de Pompeu (contra César) durante a guerra civil. Marcelo estava em autoexílio na Grécia.

O discurso se caracteriza pela construção de um falar franco e aberto. Mas não se trata somente de agradecimento e exortação política, ele contém um objetivo oculto por clemência e por reconstrução de Roma após a guerra civil. Nesse sentido, Cícero se dirige três vezes ao Senado antes de se dirigir a César, o que de certo modo reflete a ordem pré-guerra civil, em que o Senado tem mais importância do que o imperador.

Cícero faz um elogio estratégico. O orador louva em César, incondicionalmente, virtudes associadas ao perdão dos pompeanos, tais como clemência, moderação, brandura e sabedoria. Esses elogios se contrapõem aos elogios feitos aos feitos bélicos de César, sempre diminuídos por serem compartilhados com o exército (e, por consequência lógica, não serem feitos individuais de César). Nesse sentido, todo elogio de um feito bélico é seguido de uma conjunção adversativa (mas, contudo, entretanto), enquanto o elogio ao perdão é incondicional.

A oratória praticada na assembleia popular, no Senado e nos tribunais tinha suas particularidades – no *De Oratore*, o Antônio criado por Cícero fala que na assembleia o orador poderia usar todos os seus “truques”, uma vez que o povo não os reconheceria, como os reconheceriam os senadores – no entanto, muitas das táticas valiam para diferentes contextos. No *Discurso sobre Marcelo*, por exemplo, Cícero usa a tática, praticada nos tribunais, de colocar o objeto de quem se fala (o réu, no tribunal; Marcelo no discurso para o Senado) no mesmo plano do orador.

Referências bibliográficas secundárias

PERNOT, Laurent. Rhetoric in antiquity; translated by W. E. Higgins. The Catholic University of America Press, 2005.

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica; tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.